

“ATÉ O FIM DE SUA VIDA”: *DESIGNAÇÃO* E *SIGNIFICAÇÃO* EM BENVENISTE¹

“UNTIL THE END OF HIS LIFE”: *DESIGNATION* AND *MEANING* IN BENVENISTE

Gabriela Barboza

Colégio Militar de Porto Alegre, CMPA, RS, Brasil

Resumo: Este artigo tem por objetivo geral o de verificar e discutir o papel ocupado pela dupla *designação-significação* na teoria da linguagem de Émile Benveniste. Para atingir nosso objetivo, sistematizamos um aparato metodológico que permitisse a observação e a discussão das ocorrências das palavras pesquisadas. Seleccionados os contextos discursivos, operou-se com os movimentos de compreensão *lato e stricto sensu* para a discussão do valor do par em cada contexto. Com isso, chegamos à compreensão de que *designação* e *significação* assumem papel operador no processo de análise semântica, quando empregados em textos relativos a estudos de comparação de línguas.

Palavras-chave: designação; significação; teoria da linguagem; Benveniste.

Abstract: This article has the general objective of verifying and discussing the role played by the pair *designation-meaning* in Emile Benveniste's language theory. In order to achieve our goal, we systematized a methodological apparatus that allowed the observation and discussion of the occurrences of the words searched. Once the discursive contexts were selected, the *lato* and *stricto sensu* comprehension movements were used to discuss the value of the pair in each context. With that, we come to the understanding that *designation* and *meaning* assume an operator role in the process of semantic analysis, when used in texts related to language comparison studies.

Keywords: designation; meaning; language theory; Benveniste.

Considerações iniciais

Benveniste é, sem dúvida, o linguista do século XX que mais se dedicou tanto à descrição das complexidades da língua e das línguas quanto à análise

¹Agradeço aos avaliadores e à editora pela leitura qualificada do texto. Sem o diálogo com eles estabelecido, sem seu olhar aguçado, este trabalho não teria sido possível.

metalinguística e epistemológica, levando muito seriamente a tarefa de Saussure em "mostrar ao linguista o que ele faz" (FENOGLIO, 2019b, p.184.)

Desde a publicação de seu livro *Problemas de Linguística Geral* (PLG) até muito recentemente, as pesquisas que se filiavam a Émile Benveniste eram, de modo geral, voltadas ao campo da Enunciação e seus efeitos/desdobramentos. Com a publicação, em 2012, de *Dernières Leçons au Collège de France – 1968 et 1969*³, obra organizada por Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio, parece-me, entretanto, ocorrer uma reconfiguração no campo dos estudos benvenistianos. Explico-me.

Com a publicação das últimas aulas de Benveniste, houve uma renovação das possibilidades de estudos aventadas pela sua obra. Vislumbraram-se outros caminhos, novas entradas, muitos deles presentes em outros escritos seus, afinal esse texto póstumo foi estabelecido a partir de notas preparatórias para as aulas e de apontamentos feitos por alunos que assistiram aos seminários. Como o lançamento dessa obra é ainda recente, todo seu impacto está por ser avaliado; por ora, o que se pode afirmar é que ela teve grande reverberação, tanto na Europa como no Brasil: a obra, publicada em 2012 na França, “provocou uma verdadeira avalanche de reações. Muitas foram as manifestações que comemoraram a oportunidade de saber mais sobre o que pensava o maior linguista da França. Entre nós, no Brasil, julgo, não será diferente.” (FLORES, 2014, p. 09).

E, de fato, não foi: tendo em vista as possibilidades abertas com a publicação de manuscritos selecionados, criaram-se novas perspectivas de estudos com, sobre e a partir de Benveniste, como pesquisas sobre a escrita, sobre a semiologia e suas implicações, dentre tantas outras que têm sido publicadas.

A publicação de um livro de suas últimas aulas lembrou-nos que, mais do que possível, é necessário ter outros olhares sobre Benveniste que vão além dos estudos enunciativos. “Ir além” não significa aqui criar novos caminhos, além dos já irretocavelmente traçados por estudiosos como Normand (1996, 2009), Fiorin (2008), Flores (2013, 2015, 2016a, 2016b, 2019), Flores e Teixeira (2005, 2011), Teixeira (2012) dentre outros.

²Tradução livre. No original: “Benveniste est sans doute le linguiste du XX^e siècle qui s’est le plus engagé à la fois dans la description des complexités de la langue et des langues et dans l’analyse métalinguistique et épistémologique, prenant très au sérieux l’engagement de Saussure de « montrer au linguiste ce qu’il fait ».”

³A tradução para o português do Brasil se chama *Últimas Aulas no Collège de France – 1968-1969*. Neste trabalho, a obra será referida como *Últimas Aulas*.

Significa dar apenas um ou dois passos em direção a aspectos ainda não explorados, cuja existência só foi lembrada com o lançamento de *Últimas Aulas* (2012). Significa olhar para sua obra buscando questões sobre a linguagem como um todo, e não apenas para seus elementos enunciativos, para o sujeito e para as “categorias” que evidenciam a subjetividade.

O surgimento de *Dernières Leçons* foi tão impactante que, atualmente, é possível observar que houve um movimento de pesquisadores que se detêm sobre a escrita como objeto de pesquisa passaram a considerar Benveniste como um autor de referência para seus estudos; além disso, os investigadores que já se alinhavam a Benveniste passaram a dirigir seus olhares também para esse fenômeno, o que, antes da publicação dessa obra póstuma, era menos comum.. De modo geral, a nova visada apresentada na obra de 2012 nos deixou mais à vontade para empreender investigações que não estivessem necessariamente ligadas à Enunciação, o que tornou possível que nos colocássemos mais fortemente como estudiosos da linguagem. Ouso dizer que está em curso uma reconfiguração do campo de estudos benvenistianos, em que a Enunciação deixa de ser o centro e passa a integrar uma reflexão maior a respeito da linguagem⁴. Isso significa que há uma alteração nas reflexões *sobre e a partir* de Benveniste, mas não nas reflexões *do* linguista; o que se alterou foi nosso modo de olhar, perspectivamente, para sua obra.

Esse “novo retorno” a Benveniste trouxe à luz questões anteriormente deixadas à margem/não demarcadas por exegetas do mestre. Parece-me ter sido isso o que aconteceu com o par *designação-significação*. A notável relevância adquirida por essa dupla conceitual se dá a partir de seu (re) aparecimento na aula 14, publicada em *Últimas Aulas*, quando Benveniste se detém a considerar a “escrita enquanto *operação* e em suas *denominações*” (BENVENISTE, 2014, p. 167, grifos do original).

No início de sua 14^a aula, Benveniste informa que vai operar um redirecionamento do olhar que estava lançando para *a escrita*:

Até aqui estudamos a escrita enquanto *fenômeno* e na perspectiva da língua para analisar o seu funcionamento. Hoje, gostaria de considerar a escrita enquanto *operação* e em suas *denominações*. A operação só existe se denominada. Há, portanto, aqui, um processo linguístico: como uma língua nomeia o ato que lhe dá expressão escrita. Que significam os termos empregados, e não o que designam, o que já sabemos. É uma análise de

⁴A afirmação de Benveniste como um teórico da linguagem (e não somente da Enunciação) não surgiu com a publicação de *Últimas Aulas*: autores como Claudine Normand, Valdir Flores, Jean-Claude Coquet, Irène Fenoglio e Gérard Dessons já o afirmavam reiteradamente. Entretanto, com tal publicação, ganhou mais força esse argumento.

terminologia que é instrutiva se, e na medida em que, podemos distinguir entre a designação e a significação. (BENVENISTE, 2014, p. 167, grifos do original).

Para além da reflexão gerada a partir de uma visada terminológica sobre como diferentes línguas e diferentes culturas nomeiam o ato de escrever⁵, há, também, no excerto apresentado, o aparecimento do par *designação-significação*. Sem nos fornecer muita explicação sobre tais termos, Benveniste considera que será esclarecedor, para conceber a escrita como operação, observar os diferentes modos com que as línguas representam o ato de escrever, na medida em que seja possível fazer diferença entre *designação* e *significação*⁶. Entretanto, não somos capazes de compreender, com o que nos é fornecido no texto, a que se refere o mestre quando coloca essa dupla no rol de seus termos. Considero que é a partir desse trecho de Últimas Aulas que a designação e a significação passam a ser (re)consideradas, por leitores de Benveniste na contemporaneidade, relevantes para a compreensão do pensamento do semanticista.

Certamente, Benveniste já se valia do par *designação-significação* ao longo de seus estudos⁷, sobretudo em seus trabalhos sobre o léxico; porém é somente com a publicação de Últimas Aulas (2014) que se alteram o estatuto e a relevância do par conjuntamente, uma vez que a significação, apesar de ser objeto de constantes reflexões na obra do linguista, não era colocada, até então, em relação com a designação.

Diante do ressurgimento, na fortuna crítica, de designação e significação na obra de Benveniste, autores como Normand (2009), D'Ottavi

⁵A título de exemplo, Benveniste, em sua *Aula 14*, do livro *Últimas Aulas* (2012/2014, p. 170), examina o latim (*scribō* - “arranhar”, raspar”), o gótico (*meljan* - “pintar”, “escurecer”), o nórdico antigo (*rita* - “talhar”), o persa antigo (*dipi-*, “inscrição”), além de outras línguas, para demonstrar como diferentes sociedades nomeavam o ato de escrever.

⁶O movimento, que coloca em relação línguas particulares para pensar uma questão mais geral sobre as línguas e a língua, é bastante característico de Benveniste e pode ser encontrado em boa parte de seus textos, independentemente do campo de estudos da Linguística a que se filiam.

⁷Devido ao número bastante elevado do uso de *designação-significação* ao longo da obra de Benveniste – entre os livros utilizados em minha pesquisa, há 2131 ocorrências -, é inviável fazer referência a todos os textos em que o par figura, de modo que opto por listar as principais obras em que se pode encontrar o par conceitual em funcionamento/em teorização. São eles PLG I e II, *Vocabulário das Instituições Indoeuropeias I e II*, *Últimas Aulas no Collège de France, Langues, Cultures, Religions, La traduction, la langue et l'intelligence*. O leitor encontrará o par em funcionamento também em outras obras do linguista, como em *Noms d'agent et noms d'action en indo-européen* e *Origine de la formation des noms en indo-européen*, entretanto, estas não fazem parte de meu *corpus* de análise.

(2014), Fenoglio (2016b, 2019a), Malamoud (2016), estabeleceram, cada qual a seu modo, relações entre o par *designação-significação* e as reflexões benvenistianas. A tematização do par *designação-significação*, entretanto, é desenvolvida, pelos linguistas citados, de modo secundário em suas leituras, uma vez que estes procuram, em seus textos, demonstrar outro ponto de vista maior sobre a teoria da linguagem de Benveniste. Dito de outro modo, a dupla *designação-significação* é utilizada como meio para encaminhar/sustentar o argumento dos autores para seus objetivos e não como fim/objeto de estudo. Em síntese, temos a designação e a significação sendo utilizadas como: a) meio para se chegar à construção do campo da palavra *savoir* em *Vocabulário das Instituições Indo-europeias (Vocabulário)* (D'OTTAVI, 2014); b) dispositivo método-epistemológico para construir uma noção de civilização laica ancorada no conceito de escrita (FENOGLIO, 2016b, 2019a); c) uma das provas da abordagem antropológica da linguagem em Benveniste (MALAMOUD, 2016); d) reflexão que propicia a proposição do par semiótico/semântico, essenciais para a compreensão da referência em Benveniste (NORMAND, 2009). Contudo, nenhuma das quatro pesquisas encontradas se dedica a explorar, em profundidade, na obra de Benveniste, do que se fala quando nos referimos ao par *designação-significação*.

Há, portanto, uma demanda que se apresenta: percorrer os caminhos de Benveniste para compreender a designação e a significação - eis o objetivo deste trabalho. Fenoglio (2016b, p. 209) afirma que o par *designar-significar* ocupou boa parte dos estudos de Benveniste e são conceitos que “continua a explorar até o fim de sua vida”. A autora também nomeia o par como “prática metodológica designar-significar” (tradução livre⁸) (FENOGLIO, 2019a, p. 31). Os conceitos, de modo geral, não são nem evidentes nem uniformes nas obras de Benveniste, como já se sabe (FLORES, 2013), de modo que se impõe como necessidade refazer os caminhos percorridos pelo linguista e os traços por ele deixados sobre o par *designação-significação*.

Designação e significação nas obras e nos textos - os contextos discursivos e suas ocorrências

Verificada a necessidade de se realizarem estudos que tomem *designação-significação* como tema de pesquisa, empreendi⁹ uma investigação detalhada

⁸Tradução livre. No original: “pratique méthodologique désigner-signifier” (FENOGLIO, 2019a, p. 31).

⁹Para a pesquisa detalhada, ver Barboza (2018).

em torno desse par conceitual e de seus rastros na obra de Benveniste¹⁰; dessa pesquisa, apresento uma parte neste artigo. Seus resultados apontam para o comparecimento do par de distintos modos: 1) operador no processo de análise semântica, quando empregado em textos relativos a estudos de comparação de línguas; 2) elemento central para a emergência da (inter) subjetividade, quando os textos estão mais ligados aos estudos enunciativos; e, 3) função primordial de toda e qualquer língua, quando figuram em textos com pontos de vista mais próximos à perspectiva semiológica. De onde quer que se olhe para a obra benvenistiana, em todos os planos estão a designação e a significação, desempenhando diferentes papéis; em todos eles, sua relevância é inegavelmente fundamental, porque tocam em aspectos sensíveis a cada ponto de vista de estudo da língua abordado pelo autor. Neste artigo, entretanto, serão apresentados e discutidos dados que dizem respeito principalmente ao primeiro modo de comparecimento do par *designação-significação*.

Para iniciar a seleção do *corpus* teórico a ser utilizado na pesquisa, foram realizadas buscas simples em torno de *design-* e *signific-*, chegando a 846 ocorrências do primeiro e 1285 do segundo. Pelos dados coletados, é possível afirmar que há uma presença relativamente grande das palavras pesquisadas nas obras selecionadas de Benveniste. Insisto no caráter “relativamente grande”, pois, em comparação com a presença de *design-* e *signific-* com o termo “enunciação”¹¹, termo que dá nome à principal teoria da linguagem atribuída a Benveniste, teremos uma grande diferença, em termos quantitativos: 38 ocorrências em PLG I; 16 em *Vocabulário I e II*; 72 em PLG II; 42 nas Últimas Aulas; 08 em *Langues, Cultures, Religions*; zero em *La traduction, la langue et l'intelligence*¹².

Apesar de expressivos, os dados arrolados pouco nos informam a respeito do papel desempenhado por cada uma das ocorrências de *design-* e *signific-*, tanto na sincronia do texto a que pertence quanto na diacronia do

¹⁰Diante da impossibilidade de dar conta da totalidade de publicações do linguista, tendo em vista a abundância de sua produção em vida (MOÏNFAR, 1975), as obras consideradas para este estudo foram *Problemas de Linguística Geral I e II* (1966, 1974), *Vocabulário das Instituições Indo-europeias I e II* (1969), *Últimas aulas no Collège de France* (2014), *Langues, Cultures, Religions* (2015) e *La traduction, la langue et l'intelligence* (2016).

¹¹Sob nenhuma hipótese, a comparação entre as palavras ora pesquisadas e “enunciação” pretende sugerir que, por haver mais frequência de ocorrências de *design-* e *signific-*, estas ocupem papel mais ou menos relevante na reflexão de Benveniste. Não é disso que se trata aqui. Almejo apenas, na quantificação empreendida na busca de palavras, uma possibilidade de vislumbrar caminhos que orientem esta pesquisa.

¹²Doravante, *La traduction*.

conjunto das obras. Os dados, em si, não atestam nada além da presença da palavra – sequer é possível afirmar a existência de conceitos ou noções, apenas baseando-se no quantitativo de surgimentos das palavras: é necessário observar pormenorizadamente cada obra e cada texto em sua particularidade.

Nesse sentido, tornou-se necessário afunilar mais o critério de seleção dos textos; por isso, para estabelecer minha abordagem, inspirei-me nos caminhos metodológicos propostos por: a) Ono (2007), sobre a diferenciação entre termo teórico e não teórico, e b) Benveniste (1995a)¹³, sobre a compreensão global e a compreensão analítica. Ancorada nas duas metodologias, realizei um deslocamento teórico aplicado à seleção e aos contextos discursivos com movimentos que nomeei compreensão *lato* e *stricto sensu*. Parece-me produtivo, em termos qualitativos, valer-me dessa estratégia de seleção que difere os textos (compreensão *lato sensu* – ligada à compreensão global de Benveniste) e agrupa os contextos discursivos em teóricos e não teóricos (compreensão *stricto sensu* – ligada à compreensão analítica), tendo em vista que, ao realizar uma leitura inicial dos trechos em que se encontram as 2131 ocorrências, muitas delas aparentavam referir-se a usos não teóricos, de modo que visualizar análises excessivamente detalhadas de toda ocorrência não seria viável para a pesquisa que ora proponho.

Em todo e cada um dos quatro textos aqui selecionados, estarão em funcionamento os movimentos de compreensão mobilizados. Embora nem sempre facilmente distintivos entre si, os movimentos de compreensão *lato sensu* e compreensão *stricto sensu* entrarão em funcionamento, respectivamente, sempre e quando se tratar de a) localizar, no âmbito das reflexões linguísticas de Benveniste, o texto a que pertence o contexto discursivo em que está(ão) inserida(s) a(s) ocorrência(s) de *design-* e *signific-*; b) interpretar o valor/papel assumido por *design-* e *signific-* nas ocorrências encontradas em cada contexto discursivo aqui destacado.

Esclarecidos os caminhos e as decisões adotados para a pesquisa, passo, de imediato, à observação das obras e de seus respectivos contextos discursivos, em ordem cronológica de publicação da obra em que se encontra cada texto.

¹³Essa sugestão metodológica de Benveniste está presente em *A forma e o sentido na linguagem*, texto que integra os PLG I.

Problemas semânticos da reconstrução¹⁴

É preciso continuar e denunciar um vício de método na argumentação inteira. As relações morfológicas e a distribuição das formas não indicam, entre os termos que denotam a “árvore” e os termos para “fidelidade”, uma relação tal que os segundos derivem dos primeiros. Distribuem-se igualmente em cada língua e dependem uns e outros de uma mesma **significação**, que se deixa reconstituir com a ajuda do conjunto das formas atestadas. Deve-se propor a base formal como 1. **der-w-*, 2. **dr-eu-*, com o sentido de “estar firme, sólido, são”. Cf. sânscr. *dhrwa-* (para **druwa-* contaminado por *dhar-*), av. *drva*, ant. persa *duruwa*, “firme, são”, gr. *dro(w)ón-iskhurón* (Hes.), ant. esl. **su-dorwa>sūdravŭ*, russo *zdórov*, “são”, irl. *derb* (**derwo-*), “seguro”, ant. pr. *druwis*, “fé” (< “segurança”), lit. *driūtas*, “firme, poderoso”, etc. Aqui se colocam naturalmente os membros germânicos desse grupo, como o gót. *trauan*, *trausti*, etc., que dele derivam diretamente e fixaram em germânico a terminologia da “confiança”. Daí, é dessa **significação** comum que participa igualmente a **designação** da “árvore”. Ao inverso do raciocínio de Osthoff, consideramos que o **derwo-*, **<drwo-*, **dreu-* no sentido de “árvore” é apenas um emprego particular do sentido geral de “firme, sólido”. Não é o nome “primitivo” do carvalho que criou a noção de solidez, foi ao contrário pela expressão da solidez que se **designou** a árvore em geral e o carvalho em particular: o gr. *drūs*(gal. *Derwen*) **significa** literalmente “o sólido, o firme”. Temos um paralelo no irânico, em que “árvore” se diz *draxt* (médio persa), *diraxt* (persa moderno) que remonta ao av. *draxta-*, adjetivo de *drang-*, “ficar firme”. A concepção romântica do carvalho inspirador da fidelidade dá lugar a uma representação menos singular e provavelmente mais exata: o nome **drū-* da árvore nada tem de “primitivo”; é uma qualificação que, uma vez ligada ao seu objeto, se tomou na sua **designação**, e se encontrou separada da sua família semântica; daí a coexistência de dois morfemas que se tornaram distintos, como *tere* e *true* [= “árvore” e “verdadeiro”] em inglês. Vê-se aqui o quanto é falacioso o critério do “concreto” e do “abstrato”, aplicado a uma reconstrução, e quão importante é a distinção necessária entre a **significação** e a **designação**. (BENVENISTE, 1995a, p. 331-332, aspas e itálicos do autor, negritos meus).

Nesse texto, Benveniste direciona sua atenção às questões que dizem respeito a reconstrução de morfemas. Em outras palavras, ele investiga a reconstrução de sentidos de morfemas idênticos na forma, mas distintos no sentido, o que geraria, em princípio, famílias semânticas diversas.

Tomando como *a priori* o fato de que “o ‘sentido’ de uma forma linguística se define pela totalidade dos seus empregos, pela sua distribuição e pelos tipos de ligações resultantes” (BENVENISTE, 1995a, p. 320), Benveniste se põe a arrolar e descrever nove exemplos de morfemas

¹⁴Esse texto integra a parte “Léxico e Cultura” da obra PLG I de Benveniste.

formalmente idênticos, a partir de reconstruções propostas por outros estudiosos e, por fim, sua solução para a questão semântica da reconstrução. Ao tomar como único princípio anterior à análise aquele que fala do “sentido”, o sírio-francês, de alguma forma, indica-nos que, em última forma, o trabalho com reconstrução, com vocabulário, é um trabalho semântico por excelência.

No oitavo caso apresentado no texto, o mestre coloca em discussão um critério utilizado com certa frequência nos casos de reconstrução: trata-se da diferenciação entre o caráter concreto e o caráter abstrato do sentido para “comprovar” que sentido “original” gerou os demais. Benveniste claramente discorda da utilização desse critério por considerá-lo pouco preciso linguisticamente, mas, de todo modo, oferece aos leitores o exemplo da família etimológica que se refere à palavra “fidelidade” (*trust*).

Ao realizar uma reconstrução comparativa dessa família, o autor menciona a pesquisa empreendida por Hermann Osthoff (1847-1909) – em que este coloca como origem do sentido aquilo que é concreto, a árvore/carvalho, e que, posterior e supostamente, teria gerado o sentido de fidelidade, aquilo que é abstrato –, na medida em que tal pesquisa o auxilia a refutar a validade dos resultados obtidos pelo alemão. Como parte de seu modo de construção de textos¹⁵, Benveniste desconstrói, assim, o argumento de Osthoff para comprovar o seu em seguida.

Com o desenvolvimento de sua argumentação sobre as possíveis origens e relações entre “carvalho” e “fidelidade”, o semanticista chega ao par *designação-significação*. A compreensão da diferença entre um e outro é fundamental para a contra-argumentação de Benveniste sobre os critérios de “concreto” e “abstrato”, com este sendo sempre originado por aquele, como se fosse uma espécie de “evolução”. O par de termos figura, neste contexto, em 4 ocorrências de *design-* e 3 de *signific-*, ora juntos, ora separados. Nas ocorrências, *design-* assume valor de “nomeação”, “denominação”, “descrição”; em relação a *signific-*, suas ocorrências estão próximas semanticamente de “sentido”, “sentido comum/compartilhado”, “querer dizer”. Ou seja, apesar de haver vários momentos, no excerto, em que figura o par, todas as ocorrências parecem apontar mais ou menos para o mesmo sentido, qual seja: o semanticista parece atribuir um valor mais geral de *sentido* à *significação* – “Daí, é dessa significação comum que participa igualmente a designação da ‘árvore’” (BENVENISTE, 1995a, p. 332) –

¹⁵Em Flores (2019), há a apresentação em detalhe do método utilizado por Benveniste para fazer análise de vocabulário das línguas indo-europeias.

e valor de *uso/emprego específico* à designação “[...] uma vez ligada ao seu objeto, se tornou na sua designação, e se encontrou separada da sua família semântica [...]” (BENVENISTE, 1995a, p. 332, grifos meus).

O gado e o dinheiro: pecū e pecūnia¹⁶

[...]Em todos os exemplos, *pecūnia* **significa** exclusivamente “fortuna, dinheiro” e se define por “copia nummorum”. Deve-se, então, proceder por inferência metódica, sem levar em conta as opiniões tradicionais: Se o derivado *pecūnia*, desde seus primeiros usos, tem exclusivamente o sentido de “dinheiro, fortuna, xpfiara”, é porque o termo de base *pecū* se remete exclusivamente a um valor econômico e **significa** “posse móvel”. Apenas assim se justificará o sentido constante de *pecūnia*, que, como abstrato-coletivo, generaliza o sentido próprio de *pecū*.

É em virtude de um processo distinto, inteiramente pragmático e secundário, que **peku*, cujo sentido era “posse móvel”, foi aplicado especificamente à realidade dita “gado”. Cumpre distinguir nesta análise os dois planos teóricos: o da **significação** e o da **designação**. Cumpre distinguir, por conseguinte, o sentido próprio de **peku*, revelado por seus derivados antigos, e o emprego histórico da palavra para designar o “gado”. Uma vez realizada a junção semântica entre este termo **peku* e esta realidade, o gado, a **designação** se fixa por um certo tempo. Mas a história não para e novas especificações ainda podem surgir: é o caso das diferenciações operadas em latim entre *pecū*, *pecus*, *-oris*, *pecus*, *-udis*. Elas dependem da história lexical do latim e não se referem mais às relações fundamentais que trouxemos à luz.

São essas relações que foram ignoradas. O resultado é que se interpreta inexatamente tanto *pecū* quanto *pecūnia*. E essas noções inexatas foram transpostas primeiro pelos latinos, depois pelos modernos, para a tradução ingênua de *pecūnia* por “riqueza em gado”, que tudo leva a refutar. Deve-se assentar, pelo contrário, que a natureza real do *pecū* primitivo se esclarece a partir do sentido real do *pecūnia* histórico. (BENVENISTE, 1995b, p. 51, aspas e itálicos do autor, negritos meus).

Esta será nossa segunda conclusão: num processo, lexical de tal natureza, é um termo de sentido geral que se encontra “aplicado a uma realidade específica e que vem a se tornar sua **designação**, e não o inverso. Tomamos aqui o lado diametralmente oposto da relação que, desde os etimologistas latinos até nossos dicionários recentes, foi estabelecida entre *pecū* e *pecūnia*.

Pode-se supor, de fato, que os termos que se remetem a formas diversas de posse são termos gerais, denotando sua relação com o possuidor, mas sem nada indicar acerca da natureza-própria da coisa possuída. A **significação** geral permite, assim, **designações** específicas que, ao longo da história, terminam por se vincular tão estreitamente a seus fica obliterado. (BENVENISTE, 1995b, p. 57, aspas e itálicos do autor, negritos meus).

¹⁶Esse texto integra o livro I – *A economia*, seção 1 – *Gado e riqueza*, da obra *Vocabulário I*.

O capítulo *O gado e o dinheiro: pecū e pecūnia* ressignifica a relação entre os termos em torno de **peku*. Benveniste decide retomar a análise de **peku* por entender que a explicação até então apresentada pelos comparatistas era insustentável em uma análise pormenorizada. Para ele, as relações estabelecidas para encontrar a raiz de **peku* careciam de comprovações no uso da língua, e, portanto, é o que ele faz, de modo a apontar falhas na reconstrução da família do termo.

Para dar andamento ao seu raciocínio, Benveniste seleciona três grandes grupos linguísticos – indo-iraniano, latim e germânico – e revisa as relações apresentadas em textos de diversas línguas pertencentes a esses ramos. Sua maior preocupação está centrada na relação entre os termos *pecū* e *pecūnia*.

O semanticista sírio-francês, ao contrário do que afirmavam os comparatistas, demonstra que esses termos somente estão ligados a “gado” por especificidade dos povos, mas que este nunca foi seu sentido primeiro. Nessa perspectiva, Benveniste julga pertinente que se faça a diferença entre os planos teóricos da significação e da designação, primeiras ocorrências de *design-* e *signific-* nesse contexto discursivo.

Embora denomine designação e significação como planos teóricos, não é possível afirmar que haja uma teorização de fato a respeito do que seja um e outro, pelo menos não no texto de que faz a ocorrência que ora discuto. Contudo, é possível estabelecer relações com base no que o próprio Benveniste escreve na sequência das ocorrências de *design-* e *signific-*. Vamos ao texto.

Cumpra distinguir nesta análise os dois planos teóricos: o da **significação** e o da **designação**. Cumpra distinguir, por conseguinte, o sentido próprio de **peku*, revelado por seus derivados antigos, e o emprego histórico da palavra para designar o “gado”. Uma vez realizada a junção semântica entre *este* termo **peku* e *esta* realidade, o gado, a **designação** se fixa por um certo tempo. (BENVENISTE, 1995b, p. 51, aspas e itálicos do autor, negritos meus).

Destaco, aqui, a locução “por conseguinte”, que poderia ser substituída por “em consequência, portanto, em vista disso” etc., ou seja, encaminha o enunciado para uma conclusão de algo que o antecede. Diante disso, e também pela disposição em que figuram no enunciado, é lícito se colocar em relação de sinonímia, de um lado, “significação” e “sentido próprio”, e, de outro, “designação” e “emprego histórico”. Estes me parecem ser os

valores assumidos por *design-* e *signific-* nesse trecho. Essa ocorrência, então, orienta-nos para um valor de significação como algo geral e um valor de designação como algo específico, histórico, datado.

Cabe, ainda, destacar o fato de que, nesse contexto, Benveniste especifica ainda mais o valor de *design-*: a designação parece ser o elo que liga a palavra do aparato semântico, do qual faz parte todo o léxico de uma língua, à realidade daquele léxico. É o que parece afirmar Benveniste em “uma vez realizada a junção semântica entre [...] termo e *esta* realidade”. Compreendo que seja bastante relevante destacar que a designação, nesse caso, é o que faz com que se possa pensar na relação língua-realidade, desde e sempre que se entenda que a designação não é a realidade, mas está em relação com ela.

Esses valores de significação e designação são reforçados, no mesmo artigo, no contexto da página 57, em que Benveniste sintetiza a argumentação desenvolvida em todo o texto: pontua o linguista que, ao contrário do que muitos de seus colegas afirmavam, é a aplicação da significação (termo geral) a uma realidade específica que faz surgir a designação, e não o contrário: “A significação geral permite, assim, designações específicas que, ao longo da história, terminam por se vincular tão estreitamente a seus objetos particulares que o sentido literal fica obliterado” (BENVENISTE, 1995b, p. 57). Em síntese, em todas as ocorrências de designação e significação, nesse texto, temos sentidos próximos entre si, todos situando a significação num âmbito mais geral e a designação, num âmbito mais específico, ligada a *emprego histórico*. Embora cada uma tenha uma dimensão própria, mais ampla ou mais restrita, ambas estão ligadas ao aparato semântico, cada qual à sua maneira.

A fidelidade pessoal¹⁷

Podemos agora reconstruir o desenvolvimento das formas indo-europeias numa outra perspectiva. Dessa raiz **dreu-* vêm os adjetivos scr. *dhruva-* (o *dh* é secundário, analógico; ocupa o lugar de um *d* antigo), ir. *druva-* “sólido, firme, em boa saúde”; com *su-* inicial, eslavo *sūdravū* “saluus, saudável”; em báltico, lit. *drutas* “forte, sólido” (cf. pruss. *druwis* “fé, garantia”, *druwit* “crer, ter fé”); em grego mesmo (fala argiva) *dro(w)ón* traduzido por *iskburón* “forte”, segundo uma glosa de Hesíquio. E um desenvolvimento em que se insere naturalmente toda a família de *Treue* (gótico *triggus* “fiel”).

Mas, de outro lado, **dreu-* fornece também um adjetivo * *drū* “forte,

¹⁷Esse texto integra o livro I – *A economia*, seção 2 – *Dar e tomar*, da obra *Vocabulário* I.

resistente, duro”, que se tomou o nome de “a árvore”. Daí resulta que esses desenvolvimentos lexicais se colocam em níveis diversos: o sentido de “fidelidade”, próprio do germânico, se liga diretamente ao da raiz indo-europeia, enquanto o de “árvore” logo se particularizou, por vezes, como no grego, subsistindo sozinho.

Aqui se constata plenamente a diferença entre a *significação* e a *designação*, e a distância que pode separá-las, a tal ponto que, não se dispondo de referências lexicais, muitas vezes a *designação* não permite presumir nada a respeito da *significação*. (BENVENISTE, 1995b, p. 108, aspas e itálicos do autor, negritos meus).

Em uma discussão mais ampliada do que a que se encontra em *Problemas semânticos da reconstrução*, Benveniste, nesse capítulo de *Vocabulário*, refaz os caminhos do campo de “fidelidade pessoal”, entendida pelo autor como “a ligação que se estabelece entre um homem que detém a autoridade e aquele que lhe é submisso por um compromisso pessoal” (BENVENISTE, 1995b, p. 104). Para tanto, novamente, dedica-se a desconstruir o ponto de vista estabelecido por Osthoff, o qual estudou grupo de palavras e construções ligadas a “fidelidade” em *Etymologica Parerga*.

Para Osthoff, o grego *drūs* (“carvalho”) é o símbolo concreto das qualidades que condensam sua expressão mais abstrata marcada no grupo de palavras relativo a “fidelidade”. No entanto, Benveniste falseia com facilidade tal proposição, afirmando que o carvalho é uma árvore de área específica, não estando ela na região de língua grega. Nas palavras do linguista, “os indo-europeus não podiam conhecê-lo e designá-lo [o carvalho] com um nome comum, pois ele não existe em todos os lugares” (BENVENISTE, 1995b, p. 105). Diante disso, desfaz-se rapidamente o argumento de que o sentido primeiro de fidelidade estaria ligado à firmeza do carvalho. De acordo com o linguista, de sentido primeiro, “carvalho” passa a sentido último, “restrito ao grego, de uma evolução em que ‘árvore’ é a etapa intermediária, e que deve partir de uma noção inicial como a de ‘ser firme, sólido’” (BENVENISTE, 1995b, p. 107). Assim, partindo do sentido inicial como “sólido, forte, firme”, são apontados caminhos para possíveis reconstruções do campo semântico dessa palavra.

No momento de sua reflexão em que nos perguntamos como se passou de “fidelidade” a “carvalho” – aparentemente distantes – em um mesmo campo semântico, Benveniste “constata plenamente” a diferença entre *significação* e *designação* e a distância que pode separar uma da outra. Ele vai além e afirma que, se não se dispõe de referências de uso, torna-se quase impossível ligar a designação à sua significação “original”. Os termos

designação e *significação* parecem adquirir valores de “sentido estabilizado”, “comum”, para *significação* e “uso específico” para *designação*.

A tradução, a língua e a inteligência¹⁸

O que se traduz é a relação do signo com a realidade, ou seja, o valor de designação.

Aristóteles forjou o termo ἔντομα [*éntoma*] “comportando cortes”, para **designar** uma classe de seres.

Ora, é essa **designação** que é ‘traduzida’ pelo latim *insecta*.

Há aqui, portanto, dois processos independentes: um consiste em aplicar a um elemento de realidade (extralinguística) uma certa **designação**; o outro consiste em utilizar para esta **designação** um signo linguístico forjado tal qual o modelo estrangeiro (aqui, o grego).

O resultado é que se tem, em latim, **designado** os pequenos seres em questão como “insetos divididos em segmentos”, criando ou utilizando a mesma relação entre o signo e a coisa.

Naturalmente o fato de escolher *in-secta* para traduzir ἔντομα [*én-toma*] é o fenômeno material e literal de “tradução”. Ele supõe, por seu turno, uma equivalência constatada entre ἔν[en] e *in*, entre τομα[*toma*] e *-secta*.

Mas aqui o problema é diferente: quando se traduz ἔντομα[*éntoma*] por *insecta*, não se traduz o verbo τέμνω[*témnō*] em todos seus valores, mas contenta-se em utilizar uma equivalência constatada entre τέμνω e *secō* para criar um signo simétrico de ἔντομα[*éntoma*].

Traduzir é instituir, entre sua própria língua e o mundo, a mesma relação que na língua de origem, seja por equivalências literais entre os signos, se eles podem compor o mesmo “**sentido**”, seja por equivalências globais obtidas através de relações outras, que não ocorrem mais entre signos¹⁹.

¹⁸Tradução livre. No original: *La traduction, la langue et l'intelligence*. Esse texto integra a obra *Autour d'Émile Benveniste sur l'écriture*, organizado por Fenoglio et al. (2016), e faz parte dos manuscritos benvenistianos postumamente publicados.

¹⁹Tradução livre. No original: Ce qu'on traduit est le rapport du signe à la réalité, c'est-à-dire la valeur de désignation.

Aristote forge le terme ἔντομα [*éntoma*] “comportant des coupures”, pour **désigner** une classe d'êtres.

Or c'est cette **désignation** qui est ‘traduite’ par le latin *insecta*.

Il y a donc ici deux procès indépendants, l'un consiste à appliquer à un élément de réalité (extra-linguistique) une certaine **désignation**, l'autre consiste à utiliser pour cette **désignation** un signe linguistique forgé à l'imitation du modèle étranger (ici grec).

Le résultat est qu'on a en latin **désigné** les petits êtres en question comme «insectes, divisés en segments», en créant ou en utilisant le même rapport entre le signe et la chose.

Naturellement le fait de choisir *in-secta* pour traduire ἔντομα [*én-toma*] est le phénomène matériel et littéral de ‘traduction’. Il suppose pour son compte une équivalence constatée entre

(BENVENISTE, 2016, p. 38-39, aspas, itálicos e sublinhados do original, negritos meus).

Inacabada, densa e concisa: essas são características de *La traduction*, nota manuscrita de Benveniste cuja marcação a lápis no lado esquerdo superior da folha indica que ela se trataria de parte de um texto para alguma conferência em Genebra.

De grande valor tanto para os estudiosos da tradução quanto para intérpretes de Benveniste, o que se pode verificar, na nota, é que Benveniste esboça uma reflexão sobre a relação entre o fenômeno da tradução, a língua e a inteligência, como o título do manuscrito já anuncia. Por ser próprio de notas manuscritas, há, nesse caso, mais do que em outros textos, forte presença da incompletude, o que torna sua leitura algo a ser deslindado. Ainda que incompletas, rasuradas, refeitas, abandonadas, as notas de trabalho de Benveniste, como a que me dedico a interpretar agora, possibilitam observar a gênese de um pensamento, a construção de um discurso teórico-linguístico. Isso não é pouca coisa, sobretudo se compreendemos que a intrincada rede de relações estabelecida pelo mestre merece ser mais lida, interpretada e debatida.

Ao associar e discutir dois dos termos destacados no título do texto – a língua e a inteligência –, o semanticista responde, na nota, a uma das grandes questões da ciência: a linguagem é da ordem da natureza ou da cultura? – é assim que encaminha seu texto. Em outras palavras, o que Benveniste propõe como solução para a questão sobre ser a linguagem biológica ou cultural é o fato de que há uma relação entre natureza e cultura na constituição mesma da linguagem: “A linguagem tem esse caráter particular, irrecuperavelmente particular, que cria uma dificuldade específica com relação a toda teoria unitária: sempre se desenvolve na junção entre a natureza e a cultura” (BENVENISTE, 2016, p. 38). Como afirmam Dufour (2000), Moïnar (1975) e Pinault (2019), Benveniste não é um autor de dicotomias, da linguística do binário, mas alguém que vislumbra

év[en] et in, entre τόμα[toma] et -secta.

Mais ici le problème est différent: quand on traduit ἔντομα[*éntoma*] par *insecta*, on ne traduit pas le verbe τέμνω[*témnō*] dans toutes ses valeurs, on se contente d'utiliser une équivalence constatée entre τέμνωet *secō*pour créer un signe symétrique de ἔντομα[*éntoma*].

Traduire c'est instituer, entre sa propre langue et le monde, le même rapport que dans la langue source, soit par des équivalences littérales entre signes, s'ils peuvent composer le même '**sens**', soit par des équivalences globales obtenues au moyen de relations tout autres, qui ne sont plus entre signes. (BENVENISTE, 2016, p. 38-39, aspas, itálicos e sublinhados do original, negritos meus).

na língua seu caráter duplo, e que vê, em vários de seus pontos, a “terceira via”, o trinitário, o caminho do meio, como ele próprio nos demonstra na solução para a querela entre cultura e natureza: nem somente de uma, nem somente de outra, mas da junção de ambas se constitui a linguagem, como um terceiro, que existe exatamente por essa junção.

Da discussão entre natureza, cultura e linguagem, resulta a conclusão de Benveniste sobre o caráter duplo da linguagem: ela reflete a natureza em relação ao sistema de referências, porém a relação entre os dados é fornecida pela cultura, de modo que não há uma sem a outra, estando todas imbricadas, mas não hierarquizadas. Na esteira desse raciocínio, o linguista direciona-se para a discussão sobre o que fazemos quando traduzimos – que parece ser onde o autor demonstra a relação entre natureza e cultura na/da linguagem, questão valorosa não apenas para os estudiosos da tradução, mas também para todos os linguistas que entendem esse fenômeno como profundamente revelador da relação linguagem-homem. Ainda que não me sinta teoricamente autorizada para tecer comentários relativos à área da tradução, é imperativo, para este estudo, abordar esse texto de Benveniste em que ele trata de tal questão. Nesse sentido, insiro-me, aqui, com o cuidado de quem sabe que está adentrando terras alheias, mas com a necessidade de quem precisa pisar nelas para conhecer sua própria área.

Ao desenvolver sua questão (o que fazemos quando traduzimos?), o semanticista compreende que “se traduz” o “valor de designação” e, para demonstrar seu argumento, menciona a tradução de grego *ἔντομα* (éntoma – “com cortes”) para o latim *insecta*. Benveniste parece produzir um desdobramento da noção de *designação* quando o objeto é a tradução: de um lado, temos a designação da língua materna, a partir da qual os elementos da realidade são nomeados/designados; de outro, temos o *valor de designação* na tradução, uma vez que seria impossível realizar uma tradução perfeita, na medida em que não dispomos dos mesmos elementos para nomear as realidades em diferentes línguas.

Nessa perspectiva, a tradução de *ἔντομα* por *insecta*, para o semanticista, é, no mínimo, problemática, já que, no lugar de traduzir o valor de designação, pretendeu-se traduzir a designação mesma, que é desde sempre intraduzível de uma língua a outra. Quando Benveniste afirma que o que se traduz é o valor de designação, a relação do signo com a realidade, quer dizer que não é a designação em si que é traduzida, mas seu uso, seu sentido, sua significação. A designação é intraduzível, pois as realidades concretas também o são: o que se traduz são os valores de designação, as

significações, em uma **relação** entre a língua e o *seu* real.

Na ilustração de tradução utilizada na nota, Benveniste aponta um problema teórico de tradução, cuja exemplificação se dá no exame da tradução do grego para o latim de termos específicos: ao tentar traduzir ἔντομα por *insecta*, perderam-se todos os demais valores (significações) contidos em τέμνω para conservar uma suposta equivalência entre τέμνω e *secô*, ou seja, os tradutores supõem uma equivalência entre um e outro que parece ser impraticável. Isso é, para Benveniste, uma confusão, pois não se trata de traduzir realidades, mas instituir, em sua própria língua “a mesma **relação** que há na língua fonte” entre língua e realidade para gerar os mesmos efeitos de sentido (BENVENISTE, 2016, p. 38, negrito meu).

O que dizem as ocorrências? Breves apontamentos

A despeito do que nos faz supor no prefácio de *Vocabulário* – no qual afirma que outros estudiosos que não o linguista se encarregarão da designação –, Benveniste se vale largamente do uso do par *designação-significação* ao longo de suas análises, não só, mas principalmente do léxico de línguas do tronco indo-europeu²⁰.

Ao colocar as mais diversas línguas em comparação, seja para demonstrar que pertencem ao mesmo grupo linguístico, seja para comprovar seu argumento sobre determinada reconstrução, ou até mesmo para demonstrar a diversidade de sentidos que uma mesma forma pode adquirir em diferentes línguas, Benveniste coloca frequentemente em relação ao que designam e o que significam tais formas em determinada língua. Vejamos como isso se manifesta em exemplos dos contextos discursivos apresentados anteriormente.

Em algumas ocorrências, *design-* e *signific-* são empregados em substantivos como “designação” e “significação”, momentos em que parece haver um reconhecimento da necessidade de definição e/ou teorização sobre o que significam tais termos. É o que acontece, a título de exemplo, em *Problemas semânticos da reconstrução*, em que Benveniste entende ser fortemente “importante a distinção necessária entre a **significação** e a **designação**” (BENVENISTE, 1995a, p. 332, negritos meus). Também em *O gado e o dinheiro*, há a necessidade de “distinguir [na] análise os dois

²⁰A explicitação das outras abordagens feitas por Benveniste a respeito do par *designação-significação* está disponível em Barboza (2018).

planos teóricos: o da **significação** e o da **designação**” (BENVENISTE, 1995b, p. 51, itálicos do autor, negritos meus).

Já em outras ocorrências, *design-* e *signific-* são utilizados para compor verbos de distintos tempos e modos, o que, por sua vez, parece apontar para o fato de que a designação e significação – elevadas ao *status* de conceitos em alguns momentos – desempenham papel de ferramentas/operadores da análise linguística para Benveniste; dito de outro modo, é como se os conceitos de designação e significação estivessem sendo colocados em funcionamento.

Cabe destacar, entretanto, que um modo de funcionamento do par, presente em determinado texto, não inviabiliza o outro, antes o contrário: um necessita de e dá vida ao outro, como é o caso de *Problemas semânticos da reconstrução*, em que co-ocorrem ambos os funcionamentos de *design-* e *signific-*: “[...] Foi pela expressão da solidez que se **designou** a árvore em geral e o carvalho em particular: o gr. *Drús* (gal. *Derwen*) **significa** literalmente ‘o sólido, o firme’”; e “quão importante a distinção necessária entre a **significação** e a **designação**” (BENVENISTE, 1995a p. 332, itálicos do autor, negritos meus).

Em *O gado e o dinheiro: pecu e pecúnia*, Benveniste afirma:

É em virtude de um processo distinto, inteiramente pragmático e secundário, que **peku*, cujo sentido era “posse móvel”, foi aplicado especificamente à realidade dita “gado”. Cumpre distinguir nesta análise os dois planos teóricos: o da significação e o da designação. Cumpre distinguir, por conseguinte, o sentido próprio de **peku*, revelado por seus derivados antigos, e o emprego histórico da palavra para designar o “gado”. (BENVENISTE, 1995b, p. 51, grifos do autor)²¹.

O que vemos, nessa citação, é, além da ratificação de *designação* e *significação* em seu aspecto teórico, as consequências de diferenciá-las: com a distinção entre *significação* e *designação*, temos também a diferenciação entre sentido próprio de **peku* e empregos históricos para designar “gado”. Podemos associar, aqui, significação a “sentido” e “sentido próprio”, que parecem funcionar como sinônimos; à designação, é possível relacionar “aplicado especificamente à realidade” e “emprego histórico”. Há, na

²¹Ainda que esta citação, e as duas outras que a sucedem, já tenha figurado no texto anteriormente, considero pertinente repeti-las neste momento da escrita para facilitar a leitura, de modo que o leitor não precise voltar algumas páginas em que se encontra o primeiro momento da citação para retomar a referência.

citação, um duplo movimento de *designar-significar*, operando teórica e analiticamente, uma vez que Benveniste coloca o par em funcionamento para diferenciar aspectos sincrônicos e diacrônicos de “gado” como decorrências ou resultados da necessidade de distinção entre significação e designação.

Como no caso anterior, em *A fidelidade pessoal*, Benveniste coloca em funcionamento os aspectos teórico e analítico do par conceitual em um mesmo texto:

Aqui se constata plenamente a diferença entre a *significação* e a *designação*, e a distância que pode separá-las, a tal ponto que, não se dispondo de referências lexicais, muitas vezes a designação não permite presumir nada a respeito da significação. [...] Desse mesmo abstrato *drauhti-* saem o presente denominativo *drauhtinon* “σπαρεῖσθαί” e o composto *drauhtiwitop* “σπαρεῖλα, combate”, em que o segundo elemento **significa** “regra, lei”. Fora do gótico, o abstrato assume em germânico uma **significação** um pouco diferente: isl. ant. *dröt* e as formas correspondentes nos outros dialetos **designam** o “séquito guerreiro”, a “tropa”; é o caso do inglês antigo *dryht*, anglo-saxão *druht*, alto-alemão antigo *trubt*. (BENVENISTE, 1995b, p. 108, aspas e itálicos do autor, negritos meus).

Cabe recapitular que, apesar de a análise do léxico ser significativamente mais abundante em *Vocabulário*, esse não é o único lugar em que se pode encontrar o comparecimento de *designação-significação* como elementos constituintes das análises benvenistianas. Tome-se como exemplo o caso de *Problemas semânticos da reconstrução*, de PLG I: “Não é o nome primitivo do carvalho que criou a noção de solidez, foi ao contrário pela expressão da solidez que se **designou** a árvore em geral e o carvalho em particular: o gr. *drús* (gal. *derwen*) **significa** literalmente ‘o sólido, firme’” (BENVENISTE, 1995a, p. 332, aspas e itálicos do autor, negritos meus). Também é possível encontrar análises comparativas de vocábulos de diferentes línguas em *La traduction*:

Aristóteles cunha o termo ἔντομα [*éntoma*] “com cortes”, para **designar** uma classe de seres. É essa **désignation** que é ‘traduzida’ pelo latim *insecta*. Portanto, existem aqui dois processos independentes, um consiste em aplicar uma determinada designação a um elemento da realidade (extra-linguística), o outro consiste em usar para essa designação um signo linguístico forjado na imitação do modelo estrangeiro (aqui grego). (Tradução livre). (BENVENISTE, 2016, p. 38-39, aspas, itálicos e sublinhados do original, negritos meus.)

Em todos os exemplos explicitados até agora, encontramos,

evidentemente, a presença de *designação-significação*. Ao se observar o modo como se apresentam os contextos discursivos explicitados, o par parece contribuir fortemente para as análises e comparações de línguas. Ao observar a dupla em funcionamento, acompanhamos o desenvolvimento e a fixação de sentido de termos ao longo da história. Com o funcionamento do par *designação-significação*, vemos as palavras em sua sincronia e em sua diacronia ao mesmo tempo, pois reconstruímos as designações ao longo da história que tornaram possível a estabilização da significação de determinado termo. Testemunhamos, ao ler o que designam e o que significam os termos estudados por Benveniste em seus textos, o acontecimento de sua análise.

No caso das comparações entre línguas e culturas, o par *designação-significação* parece integrar o método com o qual Benveniste costuma proceder às suas análises, motivo pelo qual entendo *designar-significar*, aqui, como uma espécie de instrumento através do qual se pode realizar reconstruções e comparações de termos, ferramenta vinculada ao programa histórico-comparatista em que teve toda sua formação e ao qual se filia. Em outras palavras, o par *designação-significação* é o que leva a termo a análise: trata-se de um operador analítico de que dispõe Benveniste e que compõe o seu método quando se trata de estudos de vocábulos e de línguas em comparação.

Considerações finais

*Os vocábulos, portanto. No semantismo de uma palavra, Benveniste opera uma cisão entre a significação e a designação. Esta é uma distinção a qual ele dá uma grande importância teórica*²². (MALAMOUD, 1971, p. 660)

Ainda que a discussão sobre o par *designação-significação* seja bastante inicial em termos de produção de um saber sobre os conceitos, é preciso finalizar o texto. A dificuldade em vê-lo finalizado se dá por, pelo menos, dois motivos: 1) o debate sobre essa temática está apenas começando – de modo que há muito a ser dito e discutido –; 2) em relação às possibilidades de leitura da obra de Benveniste, a tarefa nunca tem fim – tamanha é a genialidade de seu pensamento. De todo modo, é necessário que se coloque, por ora, um ponto final na discussão aqui iniciada.

²²Tradução livre. No original: « Les vocables, donc. Dans le sémantisme d'un mot, Benveniste opère une scission entre la signification et la désignation. C'est là une distinction à laquelle il attache une grande importance théorique. »

Procurei evidenciar, através do percurso demonstrado neste artigo, parte dos resultados disponíveis em Barboza (2018) sobre a presença, na obra de Benveniste, do par *designação-significação* e os papéis por ele desempenhado. Após o trabalho de investigação, leitura e interpretação do *corpus* teórico selecionado para esta pesquisa, é possível observar que há usos diversos das palavras selecionadas, alguns dos quais coincidentes, outros não. Aqueles que são pertinentes a este trabalho apontam, em diferentes textos, o funcionamento do par *designação-significação* com estatuto teórico; além disso, alguns usos estavam ligados, de certo modo, à reflexão do linguista sobre estudos comparativos de línguas e, por conseguinte, culturas. Por sua vez, as ocorrências descartadas neste estudo foram aquelas apontam para usos ordinários de designação e significação.

Não restam dúvidas de que a *designação* e a *significação* são noções bastante consolidadas para Benveniste, ainda que sua presença tenha sido apenas recentemente atestada por seus leitores. De fato, o semanticista ocupou-se e valeu-se desse par conceitual “jusqu’à la fin de sa vie”, de diferentes maneiras, conforme o ponto de vista da linguagem enfatizado no texto. Parafraçando Benveniste, já que cada um fala a partir de si com relação a outro ou a outros, não posso senão oferecer meu ponto de vista sobre o modo de funcionamento dessas noções naquilo que chamo de teoria da linguagem de Benveniste. Diante disso, para encerrar, por ora, o trabalho, almejo que a discussão nele estabelecida sirva como contribuição para o debate em torno dos estudos benvenistianos e enseje novas pesquisas e diálogos no campo.

Referências

BARBOZA, Gabriela. **Entre designar e significar, o que há?** Em busca de uma semântica em Benveniste. 141f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Letras - Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Instituto de Letras, Porto Alegre, 2018.

_____. **Problemas de linguística geral I.** Campinas, SP: Pontes, 1995a .
 BENVENISTE, Émile. **O vocabulário das instituições indo-europeias** – economia, parentesco, sociedade. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995b.

_____. **O vocabulário das instituições indo-europeias** – poder, direito, religião. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995c.

-
- _____. **Problemas de linguística geral II**. Campinas, SP: Pontes, 2006.
- _____. **Últimas aulas no Collège de France – 1968 e 1969**. Trad. Daniel Costa da Silva. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- _____. **Langues, cultures, religions**. Limoges : Lambert-Lucas, 2015.
- _____. La traduction, la langue et l'intelligence. In: FENOGLIO, Irène (org.) et al. **Autour d'Émile Benveniste sur l'écriture**. Paris: Éditions du Seuil, 2016. p. 37–44.
- COQUET, Jean Claude. Note sur Benveniste et la phénoménologie, **Linx**, n. 26, p. 4-48, 1992.
- D'OTTAVI, Giuseppe. Designer et signifier le “savoir”: pour une nouvelle entrée du *Vocabulaires des institutions indo-européennes* d'Émile Benveniste. **Fragmentum**, n. 41, p.31-50, abr./jun. 2014.
- DUFOUR, Dany-Robert. **Os mistérios da trindade**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.
- FENOGLIO, Irène. Introduction. In : FENOGLIO, Irène et al. (orgs.). **Autour d'Émile Benveniste** : sur l'écriture. Paris: Éditions du Seuil, 2016a, p.11-34.
- _____. L'écriture au fondement d'une « civilisation laïque ». In : _____. **Autour d'Émile Benveniste** : sur l'écriture. Paris: Éditions du Seuil, 2016b, p.153-236.
- _____. La linguistique générale d'Émile Benveniste : une épistémologie méthodique et continue. In: D'OTTAVI, Giuseppe & FENOGLIO, Irène. (orgs.). **Émile Benveniste, 50 ans après les Problèmes de Linguistique Générale**. Paris: Éd. Rue d'Ulm, 2019a, p. 17-51.
- _____. Proposition, phrase, énoncé chez Émile Benveniste. In: NEVEU, Franck. **Proposition, phrase, énoncé – linguistique et philosophie**. London: ISTE Editions, 2019b, p. 183–204.
- FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 2008.
- FLORES, Valdir do Nascimento. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013.
- FLORES, Valdir do Nascimento. Apresentação à edição brasileira. In: BENVENISTE, Émile. **Últimas aulas no Collège de France – 1968 e 1969**. Trad. Daniel Costa da Silva. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- _____. O falante como etnógrafo da própria língua: uma antropologia da enunciação. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 50, n. esp. (supl.), p. 90-95,

dez. 2015.

_____. L'anthropologie d'Émile Benveniste. Remarques d'un indianiste. In : FENOGLIO, Irène. **Autour d'Émile Benveniste** : sur l'écriture. Paris: Éditions du Seuil, 2016a, p.237-266.

_____. **Saussure e Benveniste no Brasil**: quatro aulas na École Normale Supérieure. São Paulo: Parábola Editorial, 2016b.

_____. **Problemas gerais de linguística**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2019.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. **Introdução à Linguística da Enunciação**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____; _____. Linguística da Enunciação: uma entrevista com Marlene Teixeira e Valdir Flores. In: **ReVEL**, v. 9, n. 16, 2011. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

MALAMOUD, Charles. L'oeuvre d'Émile Benveniste : une analyse linguistique des institutions indo-européennes. **Annales. Économies, Sociétés, Civilisations**, 26, n. 3-4, 1971, p. 653-663.

_____. L'anthropologie d'Émile Benveniste-Remarques d'un indianiste. In : FENOGLIO, Irène et al. (orgs.). **Autour d'Émile Benveniste** : sur l'écriture. Paris: Éditions du Seuil, 2016, p.237-266.

MOÏNFAR, Mohammad Djafar. Bibliographie des travaux d'Émile Benveniste. In: BADER, Françoise ; MOÏNFAR, Mohammad Djafar. **Mélanges linguistiques offerts à Émile Benveniste**, Paris-Louvain, Société de linguistique de Paris et Peeters, 1975, p. VII-LII.

NORMAND, Claudine. Émile Benveniste: quelle sémantique? **Linx**, n. 8, p. 221-240, 1996.

_____. Leituras de Émile Benveniste: algumas variantes sobre um itinerário demarcado. **Letras de hoje**. Porto Alegre, PUCRS, v. 44, p. 12-19, jan./mar. 2009.

ONO, Aya. **La notion d'énonciation chez Émile Benveniste**. Limoges: Lambert Lucas, 2007.

PINAULT, Georges-Jean. Benveniste et les études indo-européennes. In: D'OTTAVI, Giuseppe & FENOGLIO, Irène. (orgs.). **Émile Benveniste, 50 ans après les Problèmes de Linguistique Générale**. Paris: Éd. Rue d'Ulm, 2019, p. 63-88.

TEIXEIRA, T. L. M. O estudo dos pronomes em Benveniste e o projeto de uma ciência geral do homem. **Desenredo**, Passo Fundo, v. 8, n. 1, p. 71-83, jan./jun. 2012.